

Talvez nem crisólita fosse...
As pedras sempre enganam tanto!
Há muitos aleives na noite..
Havia espiões em cada canto..
(As vezes, pela mão de um homem
podem brilhar gotas de pranto...)

Ele era o Alferes Tiradentes,
enforcado naquela praça:
muitas coisas não se compreendem,
tudo se esquece, o tempo passa..
Mas essa crisólita, sempre,
parece diamante sem jaça.

E era uma simples pedra fosca,
e ficou sem lapidação.
Quando se fala nela, a sombra
desfaz-se como cerração.
E sua luz bate no rosto
do homem que a levava na mão.

Página sem numeração

Parte 4

Página sem numeração

Cenário

No jardim que foi de Gonzaga,
a pedra é triste, a flor é débil,
há na luz uma cor amarga.
Os espinhos selvagens crescem,
única sorte destas árvores
destituídas de primavera,
secas, na seca terra ingrata,
que é uma cinza de inúteis ervas
solta sob os pés de quem passa.

No jardim que foi de Gonzaga,
oscila o candeeiro sem lume,
apodrece a fonte sem água.
Longas aranhas fulvinegras
flutuam nas moles alfombras
do antípoda universo aéreo.

Um flácido silêncio adeja
sobre esses restos de uma história

de sonho, amor, prisões, seqüestros,
degredos, morte, acabamentoo...

Vagas mulheres sem notícias,
pobres meninos inocentes
circulam por essas escadas,
pisam as folhas secas, mostram
portas de anil desmoronado...

A névoa que enche os aposentos
não vem do dia nem da noite:
vem da cegueira: ninguém sente
o ranger da pena, na sombra,

Página sem numeração

o luzir da seda das véstias,
à luz de altos caules de cera...

Ninguém vê nenhum livro aberto.
Ninguém vê mão nenhuma erguida,
com fios de ouro sobre o mundo,
para um bordado sem destino,
improvável e incompreensível
remate de fátuo vestido...

Apenas um cacho de rosas,
que nascem pálidas e murchas,
habita um desvão solitário,
quer falar, porque veio a custo
de antigas lágrimas guardadas
num chão sem ouro nem diamantes...

Mas inclina-se à tarde, ao vento,
e como um rosto humano morre,
sem dizer nada, inerme e triste,
ao peso do seu pensamento,
- como acontece entre os amantes.

Página sem numeração

Romance LXV ou dos maldizentes

- Ouves no papel a pena?
Agora, acumula embargos
à sentença que o condena
o que outrora, em altos cargos,
pelo mais breve conceito
as rendas do Real Erário

apenas do porto larga,
revertia em seu proveito.

- Assim o destino é vário!
Grande fim para habitantes
de um país imaginário,
que falam por consoantes
- E usam nomes fingidos.
(Aquilo havia mistério
nas letras dos apelidos...)

- Tanto ler o Voltério...
- E se não fosse o ladino
capitão Joaquim Silvério!
- Assim é vário, o destino:
negro, porém, é o desterro,
e há de arranjar palavreado
com que se lhe escuse o erro.

- Tanto impou de namorado!
E agora, quando se mira
vê-se um mísero coitado...
(como lá diz numa lira...)
- Se nas águas se mirasse,
veria ralo o cabelo
- Um par de esporas, somente.

Página sem numeração

e murcha e pálida, a face.

- Falta-lhe aquele desvelo
da sua pastora terna...
- Deveria socorrê-lo..
-... a quem dará glória eterna!...
- Ai, que ricos libertinos!
Tudo era Inglaterra e França,
e, em redor, versos latinos...

- Lá se lhes foi a esperança!
- Mas segue com seus embargos.
(Quem porfia, sempre alcança...)
- Os argumentos são largos.
- Que tem luzes, ninguém nega,
- Mas são coisas da Fortuna,
que bem se sabe ser cega...

- Não lhe sendo a hora oportuna,
perder-se-á tudo que alega.

Página sem numeração

Romance LXVI ou de outros maldizentes

A nau que leva ao degredo
apenas do porto larga,
já põem a pregão os trastes
que os desterrados deixaram.

- Que fica daquele poeta
Tomás Antônio Gonzaga?

- Somente este um par de esporas
um par de esporas de prata.
Por mais que se apure o peso,
não chega a quarenta oitavas!

(Nem terçados nem tesouras,
canivetes ou navalhas;
nada do ferro que corta,
nada do ferro que mata:
só as esporas que ensinam
o cavalo a abrir as asas...
Espelho? - para que rosto?
Relógio? - para que data?)

- Que fica, na fortaleza
daquele poeta Gonzaga
- Um par de esporas, somente.
Um par de esporas de prata.
E Vossa Mercê repare
que outras há, mais bem lavradas!

- Pelos modos, me parece
- que lhe hão de fazer bem falta!
Dizem que tinha um cavalo

Página sem numeração

que Pégaso se chamava.

Não pisava neste mundo,
mas nos planaltos da Arcádia!

- Agora, agora veremos
como do cavalo salta!

- Entre pastores vivia,

à sombra da sua amada.
Ele dizia: “Marília!”
Ela: “Dirceu!” balbuciava...

- Já se ouviu mais tola história?

- Já se viu gente mais parva?

- Hoje não é mais nem sombra
dos amores que sonhava...
Anda longe, a pastorinha...
e agora já não se casa!

- Tanto amor, tanto desejo...
Desfez-se o fumo da fábula,
que isso de amores de poetas
são tudo aéreas palavras...

- Foi-se a monção da ventura,
chega o barco da desgraça.
Que deixa na fortaleza?
Um par de esporas de prata!

(Ai, línguas de maldizentes,
nos quatro cantos das praças!
Se mais deixasse, diriam
que eram roubos que deixava.
Ai, línguas, que sem fadiga
arquitetais coisas falsas!)

Página sem numeração

- Tanta seda que vestira!

- Tanto verso que cantara!

- Maior que César se via...

- Mais que Alexandre, pensava...

- Escorregou-se-lhe a sela...

- Restam-lhe cavalos de água!

- Mais devagar, cavaleiro,
que vai dar contigo em África!
Puseram pregões agora,
vamos ver quem arremata.

- Quem compra este par de esporas
que eram do poeta Gonzaga?

- Já ninguém sonha ir tão longe,
que hoje são duras esarpas
esses caminhos de flores
de antigos campos da Arcádia...

- Só deixou na fortaleza
o par de esporas de prata!

- Quem sabe se alcança terra?
Quem sabe se desembarca?
Anda a peste das bexigas
até na gente fidalga...

- Pois ia dar leis ao mundo!
Era o que as leis fabricava!
E o par de esporas não chega
nem a 39 oitavas.

- Para tão longa carreira,

Página sem numeração

vê-se que eram coisa fraca...

- Já lá vai pelo mar fora,
lá vai, com toda a prosápia,
o ouvidor e libertino
desembargador peralta...

(Ai de ti que hoje te firmas
no arção das ondas salgadas.
Segura a rédea de espuma,
Tomás Antônio Gonzaga.
Escapaste aqui da força
da força e das línguas bravas;
vê se te livras das febres,
que se levantam nas vagas,
e vão seguindo o navio
com seus cintilantes miasmas...)

Página sem numeração

Romance LXVII ou da África dos Setecentos

Ai, terras negras d'África,
portos de desespero...
- quem parte, lá vai cativo;
- quem chega, vem por desterro.

(Ai, terras negras d'África,
ai, litoral dos medos...)

Aqui falece a audácia
e chega a morte cedo:
que as febres são grandes barcas
movendo esbraseados remos...

(Aqui falece a audácia,
finda qualquer apelo...)

Ai, terras negras d'África,
selva de pesadelos!
Os presos lutam com os sonhos
como entre curvos espelhos...

(Ai, terras negras d'África,
noite grossa de enredos...)

Rolam de longe lágrimas
para o horizonte negro:
saudade - pena de morte
para cumprir-se em degredo.

(Rolam de longe lágrimas...
Quereis saber seu peso?)

Página sem numeração

Ai, terras negras d'África,
céu de angústia e segredo:
laje de sombra caída
sobre o suspiro dos presos!

Página sem numeração

Romance LXVIII ou de outro Maio fatal

Era em Maio, foi em maio,
sem calhandra ou rouxinol,
quando se acaba nos campos
da roxa quaresma a cor,
e às negras montanhas frias
vagaroso sobe o sol,

embuçado em névoa fina,
sem vestígio de arrebol.

Era em maio, foi por maio,
quando a ti, pobre pastor,
te vieram cercar a casa,
de prisão dando-te voz.

Iguais corriam as fontes,
como em dias de primor:
mas seu chorar, sob os líquens,
pareceria maior,
e em teus ouvidos iria
como suspiro de amor,
que o resto eram rudes ordens,
que o resto era o duro som
de algemas patas e bulha
de mazombos e reinóis.

Era em maio, foi por maio,
sem calhandra ou rouxinol:
somente o correr das fontes
nos tanques largos da dor,
entre a fala dos amigos
e as palavras do traidor.
Saudoso sussurro de água

Página sem numeração

nas pedras úmidas,
por onde os olhos dos cavalos
pousam como branda flor.

Adeus, adeus, Vila Rica,
onde é de ouro o próprio pó!
Adeus, que tudo nos tira
o bravo tempo agressor.
Adeus, que já vêm meirinhos
com seus papéis para o rol
dos seqüestros... Nada fica,
seja qual seja o valor.

Adeus, pontes sonolentas
adeus, riachos torcidos,
de malsinado esplendor.
Adeus, montes levantados...
Voltarão meus passos ou
dessas profundas masmorras
já não se volta, depois?

Veio maio, foi-se maio,
sem calhandra ou rouxinol.

As pedras das fortalezas
são as de pesada mó,
comprimindo, comprimindo
num desgraçado torpor
o coração contra o tempo
que o Amor faria veloz.

Ai, como ao pé destas penhas
roda o mar e espuma, triste,
com boca cheia de dó!
Noite e dia pisados
pelo sinistro rumor
dos passos do carcereiro;
e em sonhos assoma a forma
indefinida do algoz.

Página sem numeração

Veio maio, foi-se maio,
sem calhandra ou rouxinol.
Apagou-se pelas matas
da quaresma a triste cor.
Quantos anos já passaram,
espelho desilusor?
O corpo sempre mais gasto,
sempre a saudade maior.
Quem sou, que me não conheço?
Já não me encontro: onde estou?
Onde é que ficava a Arcádia?
Que é feito do seu pastor?

Era em maio, foi por maio,
sem calhandra ou rouxinol,
depois da forca e da festa,
com soldados em redor.

Página sem numeração

Lá vai a nau pelos mares,
sem adeuses nem clamor.
(Este era o vento da alheta?
Quem o pudera supor!)
Que porto espera no Oriente
o réu que navega só,
com seu silêncio no peito,
e a angústia do que se foi?

(Ouro nas Minas fechado,
dizem que és o causador
destes males, desta pena,
deste severo rigor...)

Era em maio, foi por maio,
sem calhandra ou rouxinol:
quando choram as amadas
e blasona o delator.
Quando as ondas vão passando
e broslam, com seu lavor,

Página sem numeração

a quilha da nau que leva
para o degredo, o Ouvidor.

Como tudo agora fica
tão separado de nós!
Os negros, pelo cascalho,
misturando ouro e suor;
nos jardins, o alto relógio
do amarelo girassol;
as fontes gorjeando às pedras
seu transparente frescor
os santos falando aos anjos
nos canteiros do altar-mor;
as mulheres esvaídas
em silencioso estupor;
os homens mentindo aos homens,
entre canalhas e heróis.

Em maio! Fora por maio!
Mundo de fraco valor...
Quem de novo te salvara!
mas ah! nem Deus te salvou..
Olhos de água.... fonte de água...
Água do mar... Amargor.
Semana Santa na Vila.
O Mártir no seu andor...

(Por este mar de agonia
com minha cruz também vou.)

Página sem numeração

Romance LXIX ou do exílio de Moçambique

Por terras de Moçambique,
quem passeia,
de cabeça descoberta,
sem sentir o que está perto,
desinteressado e alheio?
Vira a Sorte o leme rápido,
de repente:
sem mais rota que se explique.

Entre negros, tristes montes,
a morada
abre em sonhos a janela
e surge o semblante belo
que fora amado e cantado.
E, ao som das águas esfumam-se,
tenuemente,
igrejas, cavalos, pontes...

Que clara lua desperta, e
rma e pura,
sobre essa impossível casa?
Dize, Amor, qual é teu prazo?
Quem se fia no futuro?
Entre as mãos dos dias pálidos.
tudo mente.
Acabou-se a estrela certa.

E pode ser que se fique
exilado
para sempre, errante e calmo,
como um homem já sem nada,
que vai matando a memória,

Página sem numeração

que ainda o alente,
por terras de Moçambique.

E a lua longe atravessa,
entre igrejas,
a Vila de ouro e de espanto...
...ah! por onde ninguém canta
seus amores e desejos...
Assim branca, a noite, e límpida!
Mas, no Oriente,
que negro dia começa?

Página sem numeração

Romance LXX ou do lenço do exílio

Hei de bordar-vos um lenço
em lembrança destas Minas;
ramo de saudade, imenso...
lágrimas bem pequeninas.

(Ai, se ouvísseis o que penso!)

Ai, se ouvísseis o que digo,
entre estas quatro paredes...
Mas o tempo é vosso amigo,
que não me ouvís nem me vedes.

(Minha dor é só comigo.)

E esta casa é grande e fria,
com toda a sua nobreza.
Ai, que outra coisa seria,
se preso estais, ver-me presa.

(Porém tudo é covardia.)

Sei que ireis por esses mares.
Sonharei vosso degredo,
sem sair destes lugares
por fraqueza, pejo, medo

(e imposições familiares.)

Hei de bordar tristemente
um lenço, com o que recordo...
A dor de vos ter ausente
muda-se na flor que bordo.

Página sem numeração

(Flor de angustiosa semente.)

Muito longe, em terra estranha,
se chorais por Vila Rica,
neste lenço de bretanha,
pensai no pranto que fica

(à sombra desta montanha!).

Página sem numeração

Romance LXXI ou de Juliana de Mascarenhas

Juliana de Mascarenhas
que andas tão longe, a cismar,
levanta o rosto moreno,
lança teus olhos ao mar,
que já saiu barra afora,
grande e poderosa nau,
Senhora da Conceição,
Princesa de Portugal.
Vai para o degredo um homem
que breve irás encontrar
- claros olhos de turquesa,
finos cabelos de luar.
Vai para o degredo um poeta
que se não pôde livrar
de Vice-Reis e Ministros
e Capitão-General.
E era a flor do nosso tempo!
E era a flor deste lugar!

Lá se vai por essas ondas,
por essas ondas se vai.
Seca-lhe o vento nos olhos
perolazinhas de sal;

seca-lhe o tempo no peito
sua força de cantar;
as controvérsias dos homens
secam-lhe no lábio os ais;
e as saudades e os amores
não sabe o que os fez secar.

Juliana de Mascarenhas,

Página sem numeração

distante rosa oriental,
estende os teus negros olhos
por essas praias do mar:
vê se já não vai baixando,
vê se já não vai baixar,
dentre as velas, dentre as cordas,
dentre as escadas da nau,
aquele que vem de longe,
aquele que a sorte traz
- quem sabe, para teu bem,
- quem sabe, para seu mal...

Ai, terras de Moçambique,
ilha do fino coral,
prestai atenção às falas
que vão correndo pelo ar:

“Aquele é o que vem de longe,
que se mandou degredar?
Por três anos as masmorras
o viram, triste, a pensar.
Os amigos que tivera,
amigos que não tem mais,
foram para outros degredos;
- Deus sabe quem voltará!
A donzela que ele amava,
entre lavras do ouro jaz;
na grande arca do impossível
deixou dobrado o enxoval,
uma parte, já bordada,
outra parte, por bordar.
Muito longe é Moçambique..
- Que saudade a alcançará?”

Juliana de Mascarenhas,
Deus sempre sabe o que faz:
põe teu vestido de tisso,
bracelete, anel, colar.
Mais do que Marília, a bela,

Página sem numeração

poderás aqui brilhar.
Vem ver este homem tranqüilo
que mandaram degredar.

Página sem numeração

Imaginária serenata

Vejo-te passando
por aquela rua
mais aquele amigo
que encontraram morto.
E pergunto quando
poderei ser tua,
se vens ter comigo,
de tão negro porto.

Ah, quem põe cadeias
também nos meus braços?

Quem minha alma assombra
com tanto perigo?
Em sonho rodeias
meus ocultos passos.
Ouve a tua sombra
o que, longe, digo?

Vejo-te na igreja,
vejo-te na ponte,
vejo-te na sala...
Todo o meu castigo
é que não me veja,
também, no horizonte.
Que ouça a tua fala
sem me ver contigo.

Na minha janela,
pousa a luz da lua.
lá não mais consigo
descanso em meu sono.
Pela noite bela,

Página sem numeração

o amor continua.
Deita-me consigo a
os pés do seu dono.

Página sem numeração

Romance LXXII ou de Maio no Oriente

Em Maio, outra vez em maio,
depois de anos de terror.
Não mais guardas nem correntes
de ordem do Governador;
não mais, por serras e bosques,
longo caminho de dor;

não mais escuras masmorras,
não mais perguntas de algoz;
não mais a nau do degredo,
não mais o tempo anterior.
- Juliana de Mascarenhas
desposa o antigo Ouvidor.

Pela Sé de Moçambique
murmuram a meia-voz:
“Não tinha amor...”

Nunca o teve...
Loucura que já passou.
Tudo eram sonhos de Arcádia,
ilusões da vida em flor...
Palavras postas em verso,
doce, melodioso som...
Festival em prados verdes
com o ouro a crescer ao sol.”

Em maio, outra vez em maio,
depois de anos de terror.
Juliana de Mascarenhas
levantou-se do altar-mor.
Sobre os Santos Evangelhos,
o antigo noivo jurou.
(É certo que hoje está sendo

Página sem numeração

alguém que outrora não foi.
O coração que já teve,
quem lho tirou e onde o pôs?)

Eis que a voz murmuradeira
recomeça o seu rumor:
“Como era aquele vestido
que com sua mão bordou?
Todo de cetim precioso
recamado de esplendor?
O dedal com que o bordava,
no seqüestro se encontrou!”

Mas outros vão respondendo
à murmuradeira voz:
“Bordado só de quimeras,
com suspiros em redor...
“Dizem que muito pesava
tão portentoso lavor...”

“Ai, pesava como ferro,
e era tudo vento e pó!”.

Em maio, outra vez em maio,
quando o mundo é todo amor!

Maio que vais e que voltas,
quanto tempo já passou!
Pelas Minas enganosas,
quem soluçará de dor? Levantai-vos, negros montes,

faze-te, oceano, maior!
- Tomás Antônio Gonzaga,
longe, no exílio, casou.

Página sem numeração

Romance LXXIII ou da inconformada Marília

Pungia a Marília, a bela.
negro sonho atormentado:
voava seu corpo longe,
longe, por alheio prado.
Procurava o amor perdido,
a antiga fala do amado.
Mas o oráculo dos sonhos
dizia a seu corpo alado:
“Ah, volta, volta, Marília,
tira-te desse cuidado,
que teu pastor não se lembra,
de nenhum tempo passado...
E ela, dormindo, gemia:
“Só se estivesse alienado!”

Entre lágrimas se erguia
seu claro rosto acordado.
Volvia os olhos em roda,
e logo, de cada lado,
piedosas vozes discretas
davam-Lhe o mesmo recado:
“Não chores tanto, Marília,
por esse amor acabado:
que esperavas que fizesse
o teu pastor desgraçado,
tão distante, tão sozinho,
em tão lamentoso estado?”
A bela, porém, gemia
“Só se estivesse alienado!”

E a névoa da tarde vinha
com seu véu tão delicado

Página sem numeração

envolver a torre, o monte,
o chafariz, o telhado...,

Ah quanta névoa de tempo,
longamente acumulado...
Mas os versos Mas as juras

Mas o vestido bordado!
Bem que o coração dizia
- coração desventurado –
“Talvez se tenha esquecido... ”
“Talvez se tenha casado...”
Seu lábio, porém, gemia:
“Só se estivesse alienado!”

Página sem numeração

Romance LXXIV ou da rainha prisioneira

Ai, a filha da Marianinha!
Ai, a neta do Rei Dom João!
- suave princesa de mãos postas,
resplandecente de coração...
Que lindas letras desenhava
a sua delicada mão:
grandes verticais majestosas,
curvas de tanta mansidão!
MARIA - nome de esperança,
MARIA - nome de perdão,
- a melancólica princesa
livre de toda ostentação,
que há de subir a um trono amargo
como todos os tronos são!

A que crescera entre as intrigas
de validos, nobres, criados,
a que conversara com os santos,
a que detestara os pecados!
A que soube de tanto sangue,
por engenhos de altos estrados,
quando a nobreza sucumbia,
nos fidalgos esquartejados!
A que vira o pasmo do povo
e a estupefação dos soldados...
A que, amarrada em seus protestos,
pusera silenciosos brados
em grandes lágrimas abertas
nos olhos, para o céu voltados...

A que um dia fora aclamada,
envolta em vestes lampejantes

Página sem numeração

onde o que não fosse ouro e prata
era de flores de brilhantes..

Mas o vestido bordado! ????
A que de olhos tristes mirara
paisagens, multidões, semblantes,
sentindo a turba alucinada,
em vãos transportes delirantes,
sabendo que reis e reinados
são sempre penosos instantes..
A que um missal e crucifixo ??????
a mão pousara, e aos circunstantes
fizera ouvir seu juramento
sob estandartes palpitantes!

A que mandara abrir masmorras,
a que desprendera correntes
a que escutara os condenados
e libertara os inocentes;
a que aos sofredores antigos
levará consolos urgentes;
a que salvava os desvalidos,
a que socorria os doentes;
a que dava a comer aos pobres
com suas próprias mãos clementes;
a que chorava pelas culpas
de seus mortos impenitentes,
e suplicava a Deus piedade
para seus ilustres parentes!

A que se preservava isenta
sobre os desencontros humanos:
sem soldados e sem navios,
entre os irados soberanos
de Espanha, de França e Inglaterra
e os rebeldes americanos,
- com os olhos além deste mundo,
nessa evasão de meridianos
que não compreendem os ministros
- e muito menos os tiranos –

Página sem numeração

de quem vê na terra a falência
de todos os mortais enganos...
A que achava, no ódio, o pecado.
A que achava, na guerra, os danos...

A que tentara erguer-se a esferas
de Arte, de Ciência e Pensamento...
A que ao serviço de seu povo
dedicara cada momento...

A que se acreditara livre
de qualquer decreto sangrento...
- quando os horizontes moviam
grandes ondas de roxo vento;
- quando em cada livro se abriam
outras leis e outro ensinamento;
- quando o tempo da realeza,
em súbito baque violento,
desabava das guilhotinas,
sobre um grosso mar de tormento...

Ei-la, sem pai, marido, filhos,
confessor, - ninguém - acordada
em seu Palácio, à densa noite
erguendo voz desesperada,
perguntando pelos seus mortos,
pela sua ardente morada..
Ei-la a sentir o Inferno vivo,
a família toda abrasada,
e os Demônios com rubros garfos,
esperando a sua chegada.
E seu corpo já transparente,
e já dentro dele mais nada.
E os corcéis da Morte e da Guerra
a escumarem na sua escada.

Ei-la a estender pelas paredes
sua desvairada figura...
A que, embora piedosa e meiga,

Página sem numeração

pelo poder da desventura
degradava e matava - longe –
com sua clara assinatura..
Ei-la aos gritos, à sombra verde
dos jardins de aquosa frescura.
Clamam por ela Inconfidentes
que a funda masmorra tortura.
E ela clama aos ares esparsos...
E a Liberdade que procura
é por flutuantes horizontes,
no fusco império da loucura.

Ai, a neta de Dom João Quinto,
filha de Dom José Primeiro,
presa em muros de fúria brava,
mais do que qualquer prisioneiro!

- Terras de Angola e Moçambique,
mais doce é o vosso cativo!
- Transparentes, vossas paredes,
prisões do Rio de Janeiro!

Ai, que a filha da Marianinha
jaz em cárcere verdadeiro,
sem grade por onde se aviste
esperança, tempo, luzeiro...
Prisão perpétua, exílio estranho,
sem juiz, sentença ou carcereiro...

Página sem numeração

Fala à Comarca do Rio das Mortes

Onde, o gado que pascia
e onde, os campos e onde, as searas?
Onde a maçã reluzente,
ao claro sol que a dourava?
Onde, as crespas águas finas,
cheias de antigas palavras?
Onde, o trigo? Onde, o centeio,
na planície devastada?
Onde, o girassol redondo
que nas cercas se inclinava?
Mesmo as pedras das montanhas
parecem podres e gastas.
As casas estão caindo,
muito tristes, abraçadas.
As cores estão chorando
suas paredes tão fracas
e as portas sem dobradiças,
e as janelas sem vidraças.

Já desprendidos do tempo,
assomam pelas sacadas
que oscilam soltas ao vento,
velhos de nublosas barbas.
Não se sabe se estão vivos,
ou se apenas são fantasmas.
Já são pessoas sem nome,
quase sem corpo nem alma.
As ruas vão-se arrastando,
extremamente cansadas,
com suas saias escuras
todas de lama, na barra.
Ai, que lenta morte, a sua,

Página sem numeração

lenta, deserta e humilhada...
(Um céu de azul silencioso
muito longe bate as asas.)

Onde os canteiros de flores
e as fontes que os refrescavam?
Onde, as donas que subiam,
para a missa, estas escadas?
Onde, os cavalos que vinham
por essas verdes estradas?
Onde, o Vigário Toledo
com seus vários camaradas?
E as cadeiras de cabiúna,
que se viam nesta sala?
E os seus brilhantes damascos,
de ramagens encarnadas?
Onde, as festas? Onde, os vinhos?
Onde, as temerárias falas?

“Qual de nós vai ser Rainha?”
“E qual de nós vai ser Papa?”
Onde, o brilho dos fagotes?
Onde, as famosas bravatas?

Onde, os lábios que sorriam?
Onde, os olhos que miravam
as pinturas destes tetos,
agora quase apagadas?
Dona Bárbara Heliadora,
falai!... (Quem vos escutara!)
Dizei-me, do Norte Estrela,
onde assistem vossas mágoas!

Vinde, coronéis, doutores,
com vossas finas casacas,
respirai! - que já vai longe
a vossa vida passada.
Falai de leis e de versos,
e de pastores da Arcádia!

Página sem numeração

Mas que fizeram das mesas
onde outrora se jogava?
Livros de França e Inglaterra,
por onde será que os guardam?

Quem falou de povos livres?
Quem falou de gente escrava?
A Gazeta de Lisboa
pelo vento foi rasgada.

Cantai, pássaros da sombra,
sobre as esvaídas lavras!

Cantai, que a noite se apressa
pelas montanhas esparsas,

e acendem os vaga-lumes
suas leves luminárias,
para imponderáveis festas
nas solidões desdobradas.

Onde, ó santos, vossos olhos,
por esta igreja encantada,
com paredes de ouro puro
e longas franjas de lágrimas?

(Era de seda vermelha
o sobrecéu que o velava:
no seu catre com pinturas,
de cabeceira dourada,
dormia o Padre Toledo...

A mesma fonte cantava.
O céu tinha a mesma lua
- grande coroa de prata.
Há dois séculos dormia.
Há dois séculos sonhava...

Olhos de ler o Evangelho,

Página sem numeração

pelas minas se alongavam;
mãos de tocar sacrifícios
desciam pelas gupiaras...
Rios de ouro e de diamante
de seus ombros deslizavam...
- Que era paulista soberbo,
paulista de grande raça,
mação, conforme o seu tempo,
e a alegoria pintara
das leis dos Cinco Sentidos
nos tetos de sua casa...

Dormia o Padre Toledo...

- Que negros vultos cortaram
seus grandes sonhos altivos,
quando neles cavalgava,
de cruz de Cristo no peito
e armas debaixo da capa?

Nos seus altares, os santos,
pensativos, o esperavam.)
Onde estão seus vastos sonhos,
ó cidade abandonada?
De onde vinham? Para onde iam?
Por onde foi que passaram?

Página sem numeração

Romance LXXV ou de Dona Bárbara Heliodora

Há três donzelas sentadas
na verde, imensa campina.
O arroio que passa perto,
com palavra cristalina,
ri-se para Policena,
beija os dedos de Umbelina;
diante da terceira, chora,
porque é Bárbara Heliodora.

Córrego, tu por que sofres,
diante daquela menina?
Semelha o cisne, entre as águas;
na relva, é igual à bonina;
a seus olhos de princesa
o campo em festa se inclina:
vê-la é ver a própria Flora,
pois é Bárbara Heliodora!

(Donzela de tal prosápia,
de graça tão peregrina,
oxalá não merecera
a aflição que lhe destina
a grande estrela funesta
que sua face ilumina.
Fosseis sempre esta de agora,
Dona Bárbara Heliodora!

Mas a sorte é diferente
de tudo que se imagina.
E eu vejo a triste donzela

toda em lágrimas e ruína,
clamando aos céus, em loucura,

Página sem numeração

sua desditosa sina.
Perde-se quanto se adora,
Dona Bárbara Heliadora!)

Das três donzelas sentadas
naquela verde campina,
ela era a mais excelente,
a mais delicada e fina.
Era o engaste, era a coroa,
era a pedra diamantina...
Rolaram sombras na terra,
como súbita cortina.

Partiu-se a estrela da aurora:
Dona Bárbara Heliadora!

Página sem numeração

Romance LXXVI ou do ouro fala

Ouro Fala.
Ouro vem à flor da terra,
Dona Bárbara Heliadora!
Como as rainhas e as santas,
sois toda de ouro, Senhora!

Ouro Fala.

Sois mais que a do Norte estrela
e que o diadema da Aurora!

Ouro Fala.

Trezentos negros nas catas,
mal a manhã principia.
Grossas mãos entre o cascalho,
pela enxurrada sombria.

Ouro Fala.

Mirai nos altos espelhos
vossa clara fidalguia!

Ouro Fala.

Sob altivos candelabros,
cintilais como criatura
a quem devia ser dado
o gosto só da ventura

Ouro Fala.

Página sem numeração

(Laços de ouro nas orelhas,
no pescoço e na cintura.)

Ouro Fala.

Nos longos canais abertos,
ouro fala, ouro delira...
Por causa da fala do ouro,
deixa-se a balança e a lira.

Ouro Fala.

Mas, nas lavras do Ouro Fala,
o ouro fala e o ouro conspira.

Ouro Fala.

Muito além das largas minas,
há um sítio que é só segredo,
sem pessoas, sem palavras,
sem qualquer humano enredo...

Ouro Fala.

Ai, Coronel Alvarenga,
lá chegareis muito cedo.
(Não cuideis seja a masmorra..
Não cuideis seja o degredo...)

Ouro Fala.

Ouro fala... Ouro falavam
de mais longe a Morte e o Medo...

Página sem numeração

Romance LXXVII ou da música de Maria Ifigênia

Ecos do Rio das Mortes,
repeti com doce agrado

o exercício mal seguro
que anda naquele teclado.
Duas mãozinhas pequenas
procuram de cada lado
o sigiloso caminho
que está na solfa indicado.
Ai, como parece certo!...
E como vai todo errado...

Ecos do Rio das Mortes,
este som desafinado,
este nervoso manejo,
têm destino assinalado,
Triste menina, a que estuda
com tão penoso cuidado...
Tratada como Princesa,
para que estranho reinado?
Vai ver sua mãe demente,
vai ver seu pai degredado...

Ecos do Rio das Mortes,
são mais felizes, no prado,
o vento, em redor das flores,
a luz, em redor do gado,
o arroio que canta espumas
em suas lajes deitado...
E os brancos pombos redondos,
em cada curvo telhado;
e os ruidosos papagaios
gaguejando seu recado...

Página sem numeração

Ecos do Rio das Mortes,
recordai com doce agrado
o exercício vagaroso
que em breve será parado.
Frágeis dedos, tênues pulsos,
qual será vosso pecado?
Antes fôsseis cavalinhos
em trevo fino e orvalhado;
antes fôsseis borboletas
no horizontal descampado.

Ecos do Rio das Mortes,
nesse piano do passado,
fica uma infância perdida,
um trabalho inexplicado.

Mãos de Maria Ifigênia,
fantasma inocente e alado...
- vosso compasso perdeu-se
por um tempo desgraçado...

(Ébano e marfim, que fostes?
Cemitério delicado.)

Página sem numeração

Romance LXXVIII ou de um tal Alvarenga

Veio por mar tempestuoso
a residir nestas Minas:
poeta e doutor, manejava
por igual, as Leis e as rimas.
Desposara uma donzela
que era a flor destas campinas.

Andava por suas lavras
- como eram grandes e ricas!
Mas o ouro, que altera os homens,
deixa as vidas intranqüilas,
levava-o por esses montes,
a sonhar por essas Vilas...

Em salas, ruas, caminhos,
foram ficando dispersas
as histórias que sonhava,
- e iam sendo descobertas
as mais longínquas palavras
das suas vagas conversas.

E por inveja e por ódio,
confusão, perversidade,
foi preso e metido em ferros.
Um homem de Leis e de Arte
foi preso só por ter sonhos
acerca da Liberdade.

E sua mulher tão bela,
e sua mulher tão nobre,
Bárbara - que ele dizia
a sua Estrela do Norte,

Página sem numeração

nem lhe dirigia a vida
nem o salvava da morte.

A morte foi muito longe,
numa negra terra brava,
Tinha tido tal nobreza,
tanto orgulho, tantas lavras!
E agora, do que tivera,
a vida, só, lhe restava.

Assim dele murmuravam
os soldados, no degredo,
sabendo quem dantes fora
e quem ficara, ao ser preso,
- tão tristemente covarde
que só causava desprezo.

Era ele o tal Alvarenga,
que, apagada a glória antiga,
rolava em chãos de masmorra
sua sorte perseguida.
Fechou de saudade os olhos.
Deu tudo, o que tinha: a vida.

Página sem numeração

Romance LXXIX ou da morte de Maria Ifigênia

Se o Brasil fosse um reinado,
poderia ser princesa,
- tal era a sua linhagem.

Mas seu campo andava em luto,
e era seu reino a tristeza.

O cavalo que a levava
por arredondados montes,
que viu, nos olhos de espanto,
nas negras terras de Ambaca,
sobre exaustos horizontes?

(Melhor que a desgraça é a morte.
Melhor que o opaco futuro.
E entre a vida e a morte, apenas
um salto, - da terra de ouro
ao grande céu, puro e obscuro!)

E uma pequena amazona
perde a sua humanidade:

- para além de réus e culpas,

de sentenças, de seqüestros,
e da própria Liberdade.

Página sem numeração

Romance LXXX ou do enterro de Bárbara Heliodora

Nove padres vão rezando
- e com que tristeza rezam! –
atrás de um pequeno vulto,
mirrado corpo, que levam
pela nave, além das grades,
e ao pé do altar-mor enterram.

Dona Bárbara Heliodora,
tão altiva e tão cantada,
que foi Bueno e foi Silveira,
dama de tão alta casta
que em toda a terra das Minas
a ninguém se comparara,

lá vai para a fria campa,
já sem nome, voz nem peso,
entre palavras latinas,
velas brancas, panos negros,
- lá vai para as longas praias
do sobre-humano degredo.

Nove padres vão rezando...
(Dizei-me se ainda é preciso!...

Fundos calabouços frios
devoraram-lhe o marido.
Quatro punhais teve n'alma,
na sorte de cada filho.

E, conforme a cor da lua,
viram-na, exaltada e brava
falar às paredes mudas

Página sem numeração

da casa desesperada,
invocar Reis e Rainhas,
clamar às pedras de Ambaca.)
Ela era a Estrela do Norte,
ela era Bárbara, a bela...
(Secava-lhe a tosse o peito,
queimava-lhe a febre a testa.)